



Gaiato



Visado pela
 Comissáo de Censura

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N. 213 Preço 1\$00

O MILAGRE da OBRA da RUA

Neste momento a «Obra» mantém lume aceso nas seguintes casas:

- Casa do Gaiato do Porto — Paço de Sousa
- Casa do Gaiato de Coimbra — Miranda do Corvo
- Casa do Gaiato de Lisboa — Tojal
- Lar do Gaiato do Porto — R. D. João IV
- Lar do Gaiato de S. João da Madeira
- Lar do Gaiato de Coimbra — Cumeada
- Colónia de Férias da S.ª da Piedade — Miranda
- Colónia de Férias da Ericeira — S. Julião
- Colónia de Férias de Leça — Leça de Palmeira

Enriqueceu com 30 casas o Património dos Pobres
 Tem em construção mais 20 casas do Património dos Pobres
 Orienta Sete Conferências — com 10 pobres cada.
 Reparte com os pobres do Barredo — Bairro das Latas — Curraleiras!
 Garante pão e trabalho a 150 operários e suas famílias.

BENDITO SEJA DEUS!

ANGOLA À VISTA!

Há dois dias a esta parte que os passageiros não aparecem à mesa e no convés de todas as classes, poucos se atrevem. Não é verdadeiramente o mar; tem-se visto muito pior. É antes um não sei quê que se apudera de toda a gente nestas alturas da Serra Leoa. Todos se queixam.

O que já têm feito este caminho recordam-se do que então sofreram. Para trazer o Júlio aqui à sala de fumo de onde fazemos esta, foi preciso arrastá-lo. O seu colega Amadeu, que vai na terceira, aparece por aqui a gemer e a perguntar quando é que isto acaba. A sua mulher transitou para a enfermaria. E tudo assim. Porém, nunca se viu tempestade que sempre o seja. Nunca se viu tempestade que não traga bonança e já o horizonte nos vai dizendo que este dito é verdadeiro. Mas há mais. Ele há mais. E o estado de espírito em que todos vamos flutua só quatro dias. Já ontem se recebeu um telegrama de Luanda dirigido ao Padre Américo. Anda o meu nome nas ondas. Quando lá chegar veremos.

Vai no barco uma missão de engenheiros hidráulicos com todo o material necessário ao fim que se propõem. Eles são mandados pelo Ministério do Ultramar e vão ver se tiram pão do Cunene, para dar a milhares de famílias portuguesas. Vai o Engenheiro Canhoto. Vai o Engenheiro Corvo. Vão outros engenheiros. Vão topógrafos. Muitas caixas de instrumentos. Tudo. O Chefe deles, Engenheiro Palma Carlos, não vai aqui. Seguiu por entre nuvens para sair mais tarde e chegar mais depressa; é o factor tempo. O que sobremaneira me impressiona, é ver a cara e o estilo destes engenheiros—moços. Dir-se-ia uma grande imprudência de quem os manda. Nós andamos todos afeitos a coisas velhas. Que eles não vão todos em primeira mão. O Engenheiro Canhoto tem quatro anos de barragens. O Corvo, outras expe-

riências. O mestre deles todos, Engenheiro Palma Carlos, quem há que o não conhece? Sim. A missão vai bem entregue. Mas noutros tempos, com outros conceitos, estes rapazes só depois de velhos é que teriam o enjejo de mostrar a sua capacidade.

Eu acho preciosa, preciosíssima esta missão. Destes Rapazes se poderia dizer o que diz a Escritura dos pregadores do Evangelho: *felizes os que saem a semear a paz e o bem.* Porquanto a justa distribuição dos bens da terra é a paz e o bem. Dos estudos que eles vão fazer, resulta dar a cada família 3 hectares de terreno regadio e 27 de terreno de sequeiro. Ora se ele é verdade como os livros ensinam, que de 10 em 10 anos, vem bater à nossa porta um milhão de portugueses, que lhes vamos nós fazer? Eles são nossos e nós somos cristãos, filhos do Pai Comum—o Pai Celeste. Que lhes vamos nós fazer? Acho a missão destes rapazes preciosíssima. Todos nós nos devemos alegrar com ela. Gosto que eles sejam assim novos como são, para terem tempo de gozar nesta vida o fruto dos seus trabalhos. Eu mesmo sinto-me com mais coragem para prosseguir. Posso já pregar aos meus rapazes que prometem, a possibilidade da sua possível instalação em terra portuguesa com pão suficiente tirado de terras de regadio, com o suor do seu rosto. Não quero que isto seja uma figura de retórica e vou-lhes pregar esta doutrina no meu regresso. Que todos os portugueses se alegrem. Ninguém estude outros meios de resolver o problema do milhão que nos bate à porta, que este é o caminho. Por outros que se vá são errados. Espero que os nossos da nossa aldeia de Paço de Sousa por ser a casa aonde os grandes são em maior número, espero, digo, que eles se dediquem aos trabalhos da quinta com esperança de os continuar naquilo que é seu, em grande escala e infinitas probabilidades. E não tenham medo do que aqui se diz da Serra Leoa;

(CONTINUA NA SEGUNDA PAGINA)

CENTROS DE ASSISTENCIA

Estão a ganhar terreno, em muitas localidades, os Centros de Assistência Social. Como não conheço norma alguma publicada que possa servir de guia aos bem intencionados, que estão a trabalhar pelo bem dos Pobres, peço licença para expor aqui o meu modesto parecer.

É fácil multiplicarem-se os erros neste campo, e, antes que se torne impossível remediá-los, é que é bom assentar ideias. Quando o barro está mole é que o oleiro pega as asas ao câmbrio.

Em primeiro lugar, há uma regra que nunca é lícito esquecer: *Toda a assistência deve ter por norma e finalidade a família.* É de recomendar toda a iniciativa que favorece a família; condenável tudo o que a desune, desorganiza ou desmoraliza.

Condenáveis as sopas de pobres, que, de qualquer modo, apagam o lume no lar; condenáveis as maternidades, fora de casos difíceis ou urgentes; condenáveis os internatos, os asilos, os albergues, as casas do gaiato sempre que desviam a criança, o chefe, a mãe do santuário da família que nela podem ser educados ou exercer a sua actividade. Roubar à família um elemento que pode e deve ter ali o seu clima, é transferir a planta de estufa para um monte de calhaus.

Outra norma muito importante: *o Centro deve ser exclusivamente local e ter como actividades só as que o meio exige.*

Para quê um hospital onde está perto outro hospital acessível?

Para quê um asilo numa aldeia onde todas as famílias podem educar os filhos, ou uma casa de trabalho onde as mães sabem transmitir às filhas os labores domésticos indispensáveis.

Um centro num meio ferroviário tem de ser diferente do meio agrícola, piscatório, citadino ou fabril. Até num meio fabril tem de variar se predomina o trabalho do homem ou da mulher.

Posto isto, que margem de acção resta ao centro para a sua actuação seja recomendável e benéfica? Como regra o centro deve providenciar para que não falte à família aquilo que ela por si mesma, mesmo com alguma dificuldade, não pode obter nem prescindir. Se há famílias sem habitação ajuda-las na renda de casa ou procurar construir-lhas (o Património dos Pobres.); fornecer-lhes, roupas, remédios; obter-lhes subsídio de invalidez, emprego, etc. etc. Por isso eu admiro a actividade das Conferências que, sem espanto, actuam directamente sobre a família e lhe levam o conforto moral, a formação espiritual e o possível auxílio material. São verdadeiros centros de assistência embora sem sede, sem personalidade jurídica, sem subsídios, só porque não é fiscalizável a sua actuação. Admiro igualmente as Criaditas dos Pobres que indo de casa em casa, limpam, enfeitam, educam, regeneram. Do mesmo modo vivem sem subsídios porque é demasiado apagada a sua actividade para merecerem uma esmola política. Isso é para quem faz barulho. Mas voltemos ao Centro. Infelizmente nem todas as famílias se encontram legalmente constituídas, completas, capazes de



Tojal: "os batatas, Domingo."
 Fatinho de ver a Deus. Cumprido
 o preceito, descansol
 Quem não sabe ler, vê bonecos.

Boas Notícias

DE LUANDA FALA O CARLOS ALBERTO

Luanda, 20 de Agosto de 1952
 Senhor Padre Adriano:

Faço votos para que esta o vá encontrar de saúde na companhia de todos os nossos rapazes, eu felizmente bom graças ao Altíssimo.

Pai Américo encontra-se entre nós. Tem tido muito que fazer. Esteve um pouco doente, mas felizmente está já bom. Conta seguir para o Congo na quarta-feira. Até falará mais duas vezes. Já fomos a um cinema pedir. Deve regressar em fins de Setembro. Pois eu dou-me cá muito bem. Estou mais gordo e cada vez com mais apetite. Trabalho na Casa Americana. Este emprego já me arranhou ele depois da sua vinda. Trabalho nas peças. Estou muito contente e ele também. O Júlio está ótimo. Come muito. Es es ares abrem o apetite. Tem-se sentido bem. Pai Américo acha a comida de cá muito boa. Antes isso.

Não me tenho esquecido os meus deveres para com Deus. Ele me tem ajudado imenso. A ele devo tudo. E com isto já lá vão seis meses.

Por aí tudo fixe não é verdade? Deus queira que sim. As obras o Património continuam? Pois preciso que elas continuem, para bem de todos nós. Pai Américo tem falado muito no Património dos Pobres. Conta levar daqui doze casas. Deus o ouça. A rapaziada boa não é verdade? O nosso time também? O cabeçinha no ar do Zé Eduardo tem se esquecido de me mandar o jornal. Termina Sr. Padre Adriano.

Cumprimentos para a malta e para os Padres da Obra da Rua.
 Abraça-o fortemente seu servo e amigo:
 Carlos Alberto da Silva Freitas

ANGOLA À VISTA

CONTINUAÇÃO DA PRIMEIRA PÁGINA

é o Júlio. O Júlio é que vai cheinho de medo.



Mais mar alto. Tendo saído do Tejo a 29 de Julho, pelas 13 horas, hoje, dia de S. Lourenço ainda vamos no mar alto; e ouço aqui dizer que somente no dia 12 e que atracaremos. Mar alto. Já há um tor de dias que não avistamos chaminés, nem velas, nem remos, nem nada. As andorinhas fugiram. Gaiotas nem uma. Peixes voadores andam submeios. Toninhas que antes se viam, também agora não. Mar alto. Vai tudo aborrecido. Tudo desolado. São queixas da comida, queixas de tudo e de todos; e a queixa maior é de que isto não anda. O Júlio chama ao barco uma aranha. Mas Júlio não tem razão. Ninguém aqui a tem. A culpa não é do «Quanza»; A culpa deve ser tomada ao Império e ao Angola e ao Moçambique e ao Vera Cruz e aos outros que vêm de lá. Esses é que são os culpados. Se não houvesse o conhecimento experimental do conforto e velocidade, o Quanza era um amor.

Mais telegramas. São de Luanda. O que hoje recebemos é dos Vicentinos e das Vicentinas da cidade de S. Paulo de Luanda. Estou muito contente. Quem me dera que em todas as terras por onde hei-de passar viessem ao meu encontro e eu tivesse ocasião de apertar a mão aos vicentinos e vicentinas que ali trabalham. É gente minha. Estou em minha casa. Falo a língua deles e eles entendem a minha. Assim como em Luanda, oxalá em Moçambique apareçam os vicentinos. Nem eu tenho outro título, nem levo comigo outras credenciais. É o Pobre. Fora e além dele nada me interessa. São tudo panoramas e climas que não desejo explorar. O Pobre é a minha glória. Por ele eu sou conhecido e naturalmente anado. Nasci com esta devoção. Em pequenino furtava coisas à minha mãe. Quantas vezes indo ela à salgadeira e notava a falta de coisas, punha a língua no meu nome e nunca se enganou. Ela também era... Nasci com esta devoção. Os pobres também são os meus amigos devotos. São as minhas testemunhas de defesa. Hei de topar muitos deles no derradeiro momento da minha vida. Os pobres têm-me livrado e livram-me sempre do mal. Aqui há tempos, deu entrada na Secretaria Episcopal uma representação aonde eu era. Precisamente no mesmo dia e à mesma hora, na mesma Secretaria Episcopal, entrava também uma carta minha com o rascunho e a ideia do que é hoje o regulamento do «Património dos Pobres». Não sabíamos uns dos outros. Segundo as normas dos mortais, chama-se a isto uma coincidência. Os dois documentos juntaram-se por acaso. Mas nós, outros sabemos que não é assim. Na hora do ataque aparece a defesa,—e que defesa!

Passou o tempo; esta foi há mais dum ano. Há de passar o réu. Também os acusados. Nós somos todos poeira. De manhã somos e à tarde já não...! Alguma coisa está de pé: a ideia do «Património dos Pobres». Casas; muitas casinhas já hoje habitadas, cheias de calor e de luz e de vida. Pobres que dão glória a Deus. Pobres que rezam por mim. Pobres que levaram os Vicentinos e as Vicentinas da cidade de S. Paulo de Luanda a enviar-me um telegrama de saudações.

Era madrugada quando o paquete fundeou no porto de Luanda. As tantas levanta ferro e vai atracar. Eu celebrava e do altar via uma língua de areia entrar pelo mar dentro com palhotas e palmeiras. Não havia dú-

vida. Estávamos em África.

Havia apenas dois barcos no porto; um de Portugal e outro da América. Não é preciso outro documento para nos dar a informação de que a Província de Angola necessita de milhares de portugueses. Um porto de mar é o índice. Existem vários armazéns e alguns guindastes. Há rimas de mercadoria expostas, ao longo do cais e junto de armazéns em construção. Estão efectivamente alguns deles em construção a toda a força. Isto mesmo estávamos notando quando a escada de bordo desce. É por ela sobe a gente madrugadora da cidade. Os jornais da terra disseram de quem se tratava; eu poucos conhecia. O maior número era de vicentinos. Na cidade de Luanda os vicentinos são a grei. São trabalhadores. São discípulos. O bem que eles fazem é maciço. Não se restringem às vint e cinco tostãozinhos; eles dão subsídios que aí, no nosso meio vicentino seriam escandalosos. Eles vão sobretudo pela pobreza envergadura. Pagam rendas de casa. Ajudam viagens à Europa. E atendem os chamados maus. Nisto é que me parece que os vicentinos de Luanda são verdadeiramente discípulos. Eles vão aos maus. Eles vão aos pecadores públicos. Sem lhes perguntarem se vão à missa ou se são casados pela Igreja. Este estado, se nele vivem os socorridos muda-se necessariamente com o tempo pela força do bem que lhes é feito. Não há outro caminho para chamar os extraviados. A palavra não basta. Sim. Eram muitos os vicentinos que vieram a bordo ao meu encontro, que enviaram um telegrama para o mar alto e que, na cidade, foram admiráveis, numa colaboração feliz e cristã com a Obra da Rua e o Património dos Pobres. Os Padres do E. Santo também estavam e ofereceram-me a sua residência carinhosamente.

Despedim-nos. Júlio tinha ido arranjar as malas e saldar contas e fez o favor de se esquecer de um pacote com quatro garrafas de vinho do Porto, de que éramos portadores. E agora, no Luabo, eu estou para ver como ele descalça a bota à beira do António Teles para quem as ditas eram. Uma vez em terra firme percorremos a extensa avenida que vai dar ao coração da cidade. É chamada a marginal, talhada para o ser. Todas as casas que se vão levantando, e muitas são elas, obedecem ao traçado. São armazéns. São oficinas. É o comércio e a indústria de Luanda. Ouvi aqui dizer que o ano passado se construíram 500 casas e eu mesmo notei muitas em construção. O material são belcos. As divisões interiores também. Pedra rara. No centro da cidade notam-se majestosos edifícios cheios de beleza, de sobriedade e de proporções. Oxalá que o arranha-céus não penha nunca aqui os seus pés. E que na cidade do Porto, já mais se levante réplica ao do Rialto. E que em Lisboa os não deixem entrar.



Tojal; ao lado desta, mais três estão a subir. No plano estão oito, que esperam quem levante o dedo.

Agora

Agora é a palavra que continua na boca de toda a gente.

A dar crédito às notícias de Luanda, do Carlos Alberto, aquela cidade entregou uma dúzia de Casas.

Em vez dos comboios escoltados que atravessam os mares em tempo de guerra, vamos ver chegar aí, qualquer dia, um comboio engalanado com dúzias de moradias.

Por cá a procissão segue no seu passo normal, levando asteada, hoje, mais uma casa. Vem de Lisboa. A Capital tem andado atrasada no que diz respeito à Obra. É bom que acerte o passo pelo Porto. Reza assim a carta.

«Este donativo é feito em memória da minha falecida sogra. Chamou-se em vida, Maria da Glória. Caso não visse inconveniente gostaria que a casa que se construísse tivesse o seu nome, e, sendo possível entregá-la a uma família com duas filhas».

Sim senhor, estamos a trabalhar nesse sentido. Raffles associa-se com 400\$ «pelos exames da sua sobrinha». Por alma do Tenente Aviador Manuel P. Lemos, alguém entra com 20 para um vidro. Mais 100 por alma dos queridos paizinhos e sogros. Ailema pedindo um P. N. e uma A. M. aparece piadosamente com 2.500\$. Um anónimo do Porto vem até à procissão com 1.000; e dois irmãozinhos Ilda e Fernando, do Porto, lembrando-se de que as casas precisam de cal, mandam 20 «aproveitando os desperdiços da costura da mãe». Mais uma prestação de 50\$ e 20 de S. Mamede de Infesta. O assinante 4212 vai de joelhos com a família com 200\$ «para impetrar a graça de, também nós, um dia, podermos ter a nossa casinha. Rio de Moinhos vai com 500, e o Porto novamente com 50, dum Perito Contabilista.

Finalmente trazemos a lume uma notícia pequenina escondida no «Primeiro de Janeiro», mas que merecia, só por si, a primeira página do diário:

«CASAS PARA POBRES—É louvável a atitude tomada pelo Industrial de Vizela, sr. Joaquim de Sousa Oliveira, mandando construir, num dos pontos mais lindos da vila, seis casas para as classes pobres, entregando a administração das mesmas à Comissão Fabriqueira de S. João das Caldas de Vizela e à Conferência de S. Vicente de Paulo.

Este magnífico exemplo de assistência social tem sido muito louvado pela opinião pública.»

Um aperto de mão, Sr. Oliveira! Tínhamos ficado no penúltimo Agora em 633 contos. Abatendo os 49 e meio da última quinzena e os 17 de Agora, ficamos nos 566 e meio que faltam.

Donde concluímos que a procissão dobrou o Cruzeiro e vem já de regresso.

Boas notícias

DE LOURENÇO MARQUES FALA O ABEL BARROS DOS SANTOS:

A sua saúde e felicidade é o que eu mais lhe desejo, bem com a todos af de casa. Eu, mi ha mulher e filhinho bem graças a Deus. Tem esta a finalidade do seguinte. Foi com grande alegria minha e de toda a população da Província de Moçambique, principalmente aqui em Lourenço Marques, em saber que o nosso querido Pai Américo finalmente nos vem visitar. Ao saber tal notícia a minha consciência não ficaria sossegada se não contribuisse para que a Obra da Rua ficasse sem ter um reconhecimento por quem, como eu, tantos benefícios lhe deve à mistura com alguma felicidade, pois que o bom Pai Américo bem merece todo o nosso sacrifício o que afinal é um dever que nós ex Pupils aqui em terras de além mar temos para com ele.

Pensei em fazer uma festa num dos cinemas daqui e o produto da mesma reverter em benefício da Obra. E se o pensei melhor o fiz, e vai entrar em gabinetes de se horas grandes a pedir para o espectáculo, e outros, artistas para variedades, e outras mais orquestras, enfim, tudo isto me foi facultado, pois o meu amigo não calcula como me encontro satisfeito. Como lhe digo tudo vai em bom andamento, para que o Pai Américo seja bem recebido.

Abel Barros dos Santos

Centros de Assistência

desempenhar a sua missão. Aqui abre-se uma porta larga para a actuação do centro. Ele tem de suprir a família quando esta se encontra na impossibilidade transitória ou permanente de subsistir. Se as mães têm de sair do lar para ganhar o sustento dos seus, o centro poderá manter uma creche que tome conta das crianças durante o dia; se as crianças são mais crescidas, precisa duma casa de trabalho para educar nele quem dele tem de viver; se morreram ambos os pais e não há família na terra (pobre terra) que adopte os órfãos, o centro promoverá (sempre em caso extremo) o seu internamento.

Se há anormais ou velhinhos sem família na freguesia que andam a mendigar, o centro deve mantê-los com alimentação adequada; se não há posto clínico, o hospital da misericórdia que acuda aos pobres que não podem pagar, o centro terá um posto clínico, mais ou menos apetrechado, inclusivamente uma enfermaria para casos mais urgentes. Mas isto exige casa apropriada, receitas, pessoal habilitado e sobretudo dedicado. Aqui está um aspecto sério do problema. Ao Estado já ficava bem ajudar. Tem ajudado nalguns casos. Se é ele a fazer, mau é.

Basta ver esta conta publicada num relatório: 600 contos para pessoal e 800 para os assistidos. De resto o Estado é uma máquina bonita, bem montada, semelhante a um soberbo cruzador. Nada lhe falta, mas tem as caldeiras apagadas. Quando elas atingem pressão de marcha já o infeliz necessita apenas de sufrágios. Só a iniciativa particular tem aqui voz activa—activíssima!

A Caridade Cristã! Os que a pregam, os que a ouvem pregar! Os que acreditam nela e a praticam! Sem Caridade, sem amor de Deus, sem renúncia e sacrifício—nada. Menos que nada: a revolta.

Nem sempre as religiosas são as pessoas mais indicadas.

Haja uma pessoa: o pároco, um vicentino ou vicentina, um soldado da A. C. que se atire para a fogueira, se queime no amor do próximo e não lhe faltarem colaboradores e donativos e subsídios e calúnias e injúrias—a cruz—e os cem por um.

P.º Adriano

AQUI, LISBOA!

A última vez escrevi em Fanhões. Hoje é na Ericeira.

Quase tenho medo de o confessar, não vão os senhores julgar-me um vadio de profissão! É a nossa vida, no entanto, é andar, é ir andando por esse mundo, assistindo, consolando...

Porém desta feita vim eu consolar-me. Daí o medo de confessar a verdade! Foi assim: Ontem levei o penúltimo grupo de rapazes. Ficaram o Ernesto, o João seminarista, o Martins e o Moscavide. Ficou a nossa casa muito limpinha e arranjada. Ficou o mar. Tudo isto a minha tentação. Podia vir só amanhã buscar os e fechar a Colónia. Podia sim, mas não pude, não resisti e vim hoje, vim por eles e por silêncio, tirando a fala do mar.

O nosso terço foi juntinho ao cruzeiro que dá prás ribas. Era noitinha. Eu no meio e a minha capa cobrindo os dois miudos.

Não medite os Mistérios Gloriosos neste domingo. Foram os Mistérios de Deus pra mim. O Mistério da Sua Graça.

Quão longe as nostalgias de férias passadas! Agora há inquietações, trabalhos, dores... e há uma vida cheia, cheinha de finalidade. Há uma vida cheinha de amor, dado e recebido. Há contradição, que é sinal do Mestre e da Verdade. Onde?, para quê procurar mais felicidade?

Foi esta a que busquei: amar e ser amado. O padre renuncia a um amor e por isso mesmo é o homem do Amor. Onde?, para quê mais felicidade?

Eis o meu terço. Não pedi nada. O Senhor dê aquilo que quiser. Agradecer — isso sim. Cantar-Lhe o meu louvor pela Sua paz que repartiu comigo. Paz procelosa é a que Cristo oferece. E no entanto — oh mistério! — paz inalterável, mesmo feita de angústias. Angústias que são nossas ou que fazemos nossas.

A daquele rapaz, por exemplo, que roubamos há dias. Pouco mais de 20 anos; tuberculoso cuado, mas sem possibilidades de trabalho duro. A mãe precisava da sua liberdade e desapareceu-lhe. Ficou só ele e o seu desespero. Procurou-se um emprego — porteiro, guarda, contínuo... — mas onde encontrá-lo?

Outra mulher que viu cair à cama com doenças longas, o pai e o marido e assim se torna, sôzinha, cabeça de uma família de dois filhos ainda criancinhas e tantas necessidades. Um carpinteiro que depois de entregar sucessivamente ao hospital seus quatro filhos, lá baixou também, contaminado pelo mesmo tifo, que só um milagre podia ter evitado na espelunca que chama sua casa. Os gastos dobrados; os ganhos nenhuns. Que atraso na vida!

Outro ainda, tipógrafo, de trinta e poucos anos, cinco filhos, tuberculoso, revoltado, tão pobre material como moralmente. Quem se admira?

E quantas outras d'eres nesta hora em que tantos riem e gozam e despendem a vida fingindo que são felizes!

Não pedi nada no nosso terço. Deus é Pai. Ele sabe o como e o porquê. Eu não sei nada.

Agradei-Lhe os bens passados e os futuros. Não há mal sem remédio, nem dor sem fim. Ele acudirá. Por quem? Talvez por um de vós que ao saberdes, sofrereis...

Eis como a paz pode morar com a dor. Basta crer; e crendo esperar; e esperando, amar. Esta uma forma eficaz de «esperar activamente».

Oh felicidade! Assim, quem a poderá roubar?

C. G.



Estamos no período aceso das colónias de férias. Como, felizmente, somos também organizadores delas, temos que fazer o nosso exame de consciência e têm que o fazer todos aqueles que as organizam.

Há je há colónias a mais.

Quando da despedida do segundo e último turno de rapazes, eles contavam que ainda iam em dois turnos para um certo sítio, eu estremei.

Há duas modalidades nitidamente distintas de colónias: umas promovidas pelo amor à criança; outras pelo lucro à custa da criança. Nas primeiras é a dedicação que impera, é a Caridade que orienta, é Deus que preside. A estas, no geral, foi lhes cortado o subfúdio. O lucro é cego e faz cegueira. Estas são escola para a criança: casas modestas, conforto suficiente, alimentação bastante e caseira; educa-se a criança cívica e moralmente; prega-se-lhe o amor de Deus e dos homens.

A criança neste ambiente sente-se em casa própria; forma-se naquilo que é seu.

Nas segundas comanda a filantropia; o interesse domina; e manda o amor próprio. Estas são fartas.

Os cegos a conduzir cegos. O lucro é alta mola real. A criança não aprende e não aproveita; esse aproveita é só aparentemente e só materialmente e o homem é espiritual.

São aposentos luxuosos; escadas de mármore; objectos inúteis; alimentação supérflua. É tirar a criança do seu meio, para, passados dias, atirar com ela novamente para a miséria.

Como se pode educar uma criança que durante os três meses de verão se sente na abundância, sem nada lhe faltar, onde vê tantas coisas sem razão de ser, onde se lhe não exige sacrifício algum, quer na disciplina, quer no trabalho, e passado este tempo, vai cair novamente em casa dos pais, no meio da trágica miséria em que tão grande parte deles vivem?

Estamos nós a educar homens de amanhã? Cidadãos dum Portugal melhor? Bons e fieis filhos de Deus?

Parece-me bem que não. Poderemos engordar corpos, mas definhamos almas.

Poderemos alimentar homens, mas criamos revoltados, porque saindo daquele espavento das colónias e em contacto com a miséria da sua vida real, eles hão-de revoltar-se contra a sociedade.

E se formos mais adiante e examinarmos quem são as pessoas dirigentes? E tão apertamos as mãos na cabeça. E se pensarmos na escolha dos componentes, vemos que não são os que mais necessitam.

Turnos de colónias mistas, com centenas de meninos e meninas à mistura, onde os dirigentes geralmente não têm dignidade, nem escrupulos...

Ai para onde nós caminhamos!..

Como nós trilharíamos um caminho tão diferente e tão seguro, se com os rios de dinheiro que se malbaratam nestas colónias, prestásemos assistência à família na sua própria casa? Andamos todos tão iludidos!..

Que penem isto os orientadores, que a Pátria corre perigo.

Padre Horácio

Do que nós necessitamos

150\$ das alunas do Colégio de Tomar, mais um vale de 20\$ do Porto; mais 258 do Pessoal docente e administrativo e menor da Escola Comercial de V.ª N.ª de Gaia, à memória do Professor falecido Eng. J. Rodrigues Praça. Eis como a Obra da Rua une no mesmo pensamento os mortos e os vivos de todas as actividades e categorias. Mais vários embrulhos de roupas de Lisboa e da marca G. A. e mais retinhos de todos os panfletos nesta casa. Cinco pacotes de ratos de borracha da firma Silva, Barbosa & Pinto, mais um vigéssimo premiado, de um professor admirador que necessita da graça de Deus. Mais 13\$50 do meatheiro da pequenina Muu, e 9\$ de preda e vários donativos para sufrágios que vão sendo cuidadosamente cumpridos. Mais 500\$ no Espelho da Moda de um doente que pede as nossas orações pelas suas melhoras. Nem se prepare faz a especificação de tudo quanto lá é depositado pelo elevado número e variedade de artigos e quantias. Basta que saiba que tudo aqui vem ter.

50\$ do pessoal da Vacuum; outro tanto da Associação Recreativa Municipal, de Silva Porto, mais 50\$ de uma Mãe alentejana pelo bom exame dum filho e passagem de classe de outro.

Da Alfaiataria Infantil 22 casacos com esta valiosa legenda: a nossa casa que é especialista em vestir as crianças que podem, não deixa também de vestir as que não podem. Mais 50\$ de «Os Risonhos» e 20\$ em cumprimentos de uma promessa, 20\$ de um príncipe. Será de ano e meio como os nossos, ou de sangue azul? Mais cem do Porto e 300\$ duma Senhora de África, e 200\$ de «Os Livros do Val» do Canidelo, e 100\$ da Ganja e 215 do pessoal da Chenop.

Alem da Provisão do Património e desta para a Casa, nós poderíamos ainda abrir a provisão do Barredo e das Conferências. Todas elas afinal levam o mesmo estandarte da Cruz e a sua finalidade é lançar um pouco de bálsamo naquelas que a ela estão pregados pela pobreza ou pelo sofrimento. Quando vamos ao Barredo, é na companhia dos que sofrem com os que lá sofrem.

«Ao ler agora a notícia do Barredo sobre aquele doente que disse — ninguém me dá nada, a minha alma confrangeu-se e para o doente envio 40\$ só com o pedido a esse doente, que no mesmo pensamento peça a Deus a conversão dos meus dois filhos que, em bora doentes andam afastados da Igreja. Como se diz noutro lugar, só no céu e te doente poderá fazer algum pedido. Mais 30\$ para os pobresinhos do Barredo, e 50\$ dum

Engenheiro e 100\$ da R. da Restauração e outro tanto da Maria Vitória para o doente da Rua dos Mercadores, e 20\$ para a Dolorosa, e outro tanto para a Conferência da nossa aldeia. Mais 60\$ dos Subichões do Magestic, para injecções e outro tanto da Maria para a Dolorosa e 20 doura Maria.

Mais 70 do grupo excursionista Os Fins Meia; 50 de Pedras Salgadas; 70 do primeiro abono de família de 4º filho.

Mais 943\$70 duma subscrição entre o Pessoal dos Serviços Municipalizados de Coimbra. Uma «lança» de 50\$ de S. Vicente da Bira; outro tanto para a cancerosa em cumprimento duma promessa de Figuriró dos Vinhos; idem de Moçambique, com um beijo do Zeca Ângelo. Mais uma vela e 2\$ pelas almas transviadas; 500 de Zé Nirguém e 100 a cada uma das três Conferências; 500 de duas vezes de brasileiros 1000\$ por intermédio do escritor brasileiro Paulo Tacla, que aqui veio acompanhado do Rei das Casimiras e Presidente da Casa de Portugal, de S. Paulo. O que ele vai dizer ao Brasil do que viu aqui. Mais cem; idem e 50\$ de «Dr. Zé-quinhas» «para» patriótica obra do novo Evangelhista o santo P.º Aécio». 50 doutro anónimo e 50 de M. T. para o Barredo. 140 duma quete entre os operários das oficinas da C. P. em Campanhã. Mais 200\$ dum «muito anónimo para repartir pelo Património, conferências e tratinhos do Barredo. Mais 20 e selos usados para esta obra imensa. Cada leitor arranja um adjectivo novo. O dicionário está esgotado; 20\$ duma promessa ao P.º Cruz.

Mais 500 de Juiz de Fora — São brasileiros que vêm joelhar na terra mãe; 200\$ de Viana do Castelo; 50 de N. C.

Mais 245\$80 de F. C. P. para a redondamento das contas que já vão além dos 20.

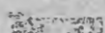
80 do assinante 3767 pelas intenções mencionadas. Mais 100 de uma viuva e mãe, pelo seu marido «socialista e grande admirador da obra do P.º Américo, que sempre condenou o dinheiro mal gasto». Mais 50\$ de Vila Real de Santo António em cumprimento duma promessa, e 1000 do Porto, e três primorosos enchevois de criança, de Abrantes. Mais cem duma promessa, um fato usado; outro. Aqui os fatos são disputados renhidamente. Mais poloveres e gravatas. O Caneco fez agora 19, anos teve o feita de 5 e pôlas todas ao pescoço! «Isto é a Casa do Gaiato».



Miranda: isto é a Casa do Gaiato. Carros, pás, picaretas. O trabalho! Sem trabalho não há regeneração.

ULTIMA HORA

LEOPOLDEVILLE—28-8-52

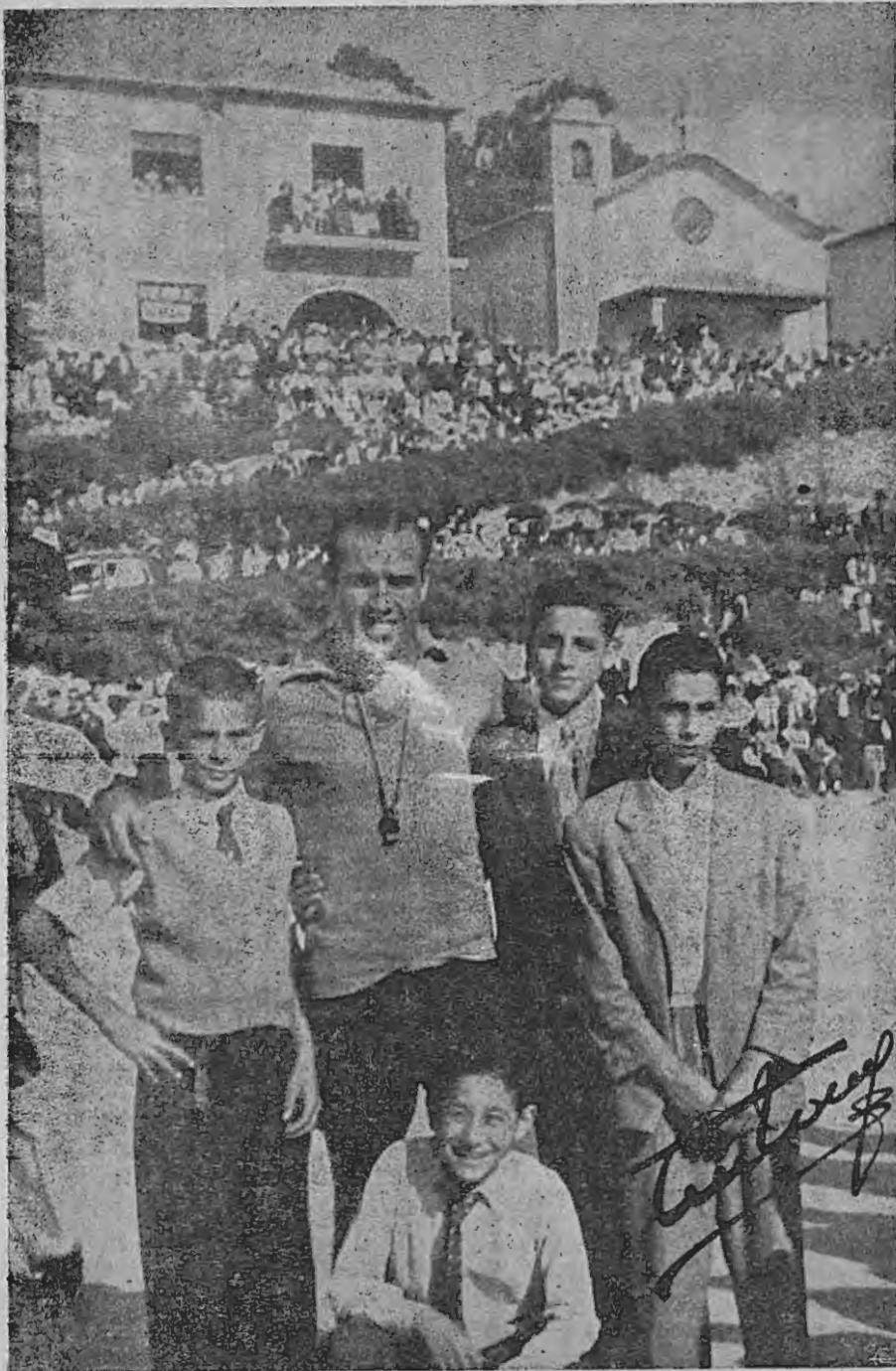
Padre Adriano: 

Cá vamos cantando e rindo. Os montes caem, as portas abrem-se. É um delírio.

Esperamos chegar a Lourenço Marques, via Joanesburgo, dia 2 de Setembro. De lá darei notícias.

PADRE AMÉRICO

PAÇO DE SOUSA



Tudo cheio: janelas, varandas, avenidas; mas quem mais encheu a alma dos Rapazes foi o Barrigana. Ei-lo!

Como os diários tinham anunciado, realizou-se no dia 17 de Agosto 1952, uma visita da ilustre Família do Futebol Clube do Porto à Casa do Gaiato de Paço de Sousa. A chegada dos comboios especiais e de dezenas de automóveis estava marcada para as 10 horas; o momento aproxima-se e na estação era já um mar de gente, os comboios chegaram. São desprizadas centenas e centenas de pessoas que se põem a caminho de Paço de Sousa.

Os automóveis aparecem todos embandeirados e com grandes emblemas do F. C. do Porto. No Quartel dos B. V. de Cete, houve uma breve sessão solene aos dig.ºs Directores do Popular Clube Nortenho, que depois do final se dirigiram para a Aldeia dos Rapazes. Vinha o famoso guarda-redes Barrigana, o Internacional Carvalho, vinham os dirigentes do F. C. do Porto entre eles o Sr. Artur Baeta, que nesse dia foi o Pai dos gaiatos... Na nossa encantadora Aldeia tudo estava aberto para que os nossos visitantes pudessem ver as oficinas, os escritórios, as escolas, os refeitórios, a cozinha, o hospital, as nossas casas de habitação. Tudo que faz parte desta Casa do Gaiato. Pena foi, que este mar de gente de todas as camadas sociais que nos visitou não encontrasse o nosso Pai Américo, que neste momento se encontra em Luanda. Mas nem por isso houve esmorecimento. O Sr. P.º Adriano recebeu a ilustre Direcção do F. C. do Porto e com eles andou algum tempo. Organizaram-se depois algumas modalidades desportivas, como o andebol que muito gostamos de ver; também o Basquetebol, em que os jogadores faziam lembrar os famosos Globtrotters com os seus truques e fintas. Ao meio-dia a sineta

tocou, e, a nossa rapaziada juntou-se para entrar no refeitório. Os visitantes mais apressados procuravam sítios mais sombrios para se regalarem com os petiscos trazidos no seu farnel. Os nossos rapazes já se encontram a mesa rodeados dos visitantes que ainda não tinham apetite e que apreciavam o que a Obra da Rua tem de belo.

Nós os gaiatos hoje queridos em todo o Portugal, éramos ontem o enxuro, a lama, os vadios das ruas e das vielas. Aqueles que esperavam que vós deitásseis a ponta do cigarro fora para logo a irmos fumar. E por lá andaríamos hoje, se o nosso bom Deus não enviasse à terra a capa carinhosa do nosso Pai Américo que por nossa causa, com quantos sacrifícios e cansaças foi agora à África aos sessenta e quatro anos de idade, para nos arranjar colocações e divulgar os conhecimentos sobre a Casa do Gaiato e Património dos Pobres. Os visitantes depois de terem passado pelos refeitórios dos grandes, dos médios e pelo dos batatas, choravam de alegria neste último ao sentir que aqueles pequeninos sem pai nem mãe se sentiam felizes. E o tempo passava como uma rotativa. De tarde deram um acto de variedades de fados e guitarradas, onde entrou uma das mais importantes artistas da Rádio, Maria Amélia Canossa. Também discursaram na mesma altura dois dos nossos colegas: Carlos Inácio com o seu discurso de saudação aos Portistas e, Faísca com o seu (bota abaixo os Sportinguistas...) pelo que foi muito aplaudido. Seguidamente falou o Sr. P.º Adriano e Sr. Dr. Urgel Horta, sendo por todos invocado com saudade o nosso Pai Américo. Realizou-se em seguida um encontro entre as equipas infantis

LAR DO PORTO PEQUENOS O Pai Américo veio há tempos falar com o nosso chefe para arranjar um lar para os rapazes de maior idade.

Quando a notícia correu por todos era uma alegria, tanto para nós como para eles; para nós por estarmos mais à vontade, para eles por terem mais liberdade.

Agora por fim ficamos mais tristes, porque nós tínhamos uma Conferência de S. Vicente de Paulo; quando estávamos juntos eia para todos, tanto para grandes como para pequenos, era para aquele que tivesse vontade de ir levar a esmola aos pobres, que estão na miséria.

O nosso chefe consolou-nos logo, deu um papel da nossa casa com o carimbo da Conferência àqueles que estão empregados para arranjarem subscretores nos empregos, nos bancos e assim iremos fundar uma para os pequenos. Vamos fazer-lhes uma surpresa para eles verem que nós como pequenos também sabemos dar conta do recado. Se algum dos nossos estimados leitores desejarem ser subscretores da nossa Conferência, faça o favor de escrever um simples postal ao Lar do Gaiato—Rua D. João IV 682—Porto.

Dizendo eu quero ser subscretor da Conferência de S. Vicente de Paulo, mas dos pequenos!

Quanto à cota pode mandar quanto o estimado leitor quiser, seja muito seja pouco, não reparamos.

Se houver algum leitor que deseje mandar roupas, também agradecemos.

No dia 1 do mês corrente foram alguns dos nossos rapazes para as praias de Leça. No domingo os do Lar do Porto foram fazer-lhes uma visita. A Sra. D. Sara tinha lá muitas sardinhas e broa para nós. Primeiro fomos tomar banho, depois o apetite chegou e nós fomos ter com a Sra. D. Sara, quando lá chegámos já estavam prontas a comer, às 6,35 minutos voltámos para o Porto, os carros vinham cheios mas nós com a barriga cheia a nda enchíamos mais os ditos. Quando chegámos ao Lar tínhamos a ceia à nossa espera, mas não tivemos apetite para mais.

No último mês recebemos para o nosso Lar sacos de batatas dum Fábrica de Madeiras na Rua de S. Victor O Matadouro Municipal e o Grémio das carnes também nos têm dado bons bifes. A Junta Nacional de Frutas de vez quando lembra-se de nós, mas pedimos que se lembre mais vezes, porque nós gostamos muito de fruta e segundo dizem os médicos, ela tem muitas vitaminas.

Fernando Guedes

do F. C. do Porto e dos gaiatos. A equipa de arbitragem foi constituída por: árbitro, o famoso Internacional Frederico Barrigana, juizes de linha Ângelo Carvalho também internacional e o novo jogador do F. C. P. Miguel Arcanjo. Neste encontro saímos empatados a uma bola. Também a organização de peaca desportiva do F. C. do Porto, convidou os gaiatos para participarem no concurso por eles organizado. O primeiro prémio foi constituído por uma taça que foi ganha pelo Carlos Gonçalves chefe do Lar do Porto, (com uma ajudazinha é claro!) e os restantes vieram para casa só com a cana a pesar em cima dos ombros, excepto o Zé Eduardo que pescou uma truta com oito centímetros de comprimento, e, quando chegou a casa já só tinha quatro pelo que refilou por causa da organização, não medir os peixes logo que são pescados! Mas, apesar de tudo isto também recebeu uma recordação oferecida pelos Dirigentes que consistia de uma medalha, os nossos parabens ao Zé Eduardo. Também se efectuou uma prova de ciclismo, sobre a orientação técnica do valeroso corredor do F. C. do Porto Orefre Tavares. No carro de som, dirido por Monte Empina, locutor da Rádio Nortenha, durante todo o dia choveram donativos para a Casa do Gaiato. Feitas as contas, passou dos vinte mil escudos. Muito gratos ficamos pois, à Dig.ª Direcção do F. C. do Porto, que tão admiravelmente organizou esta caravana, saída do coração do Benemérito Porto.

Este dia jámais será esquecido quer por portuenses quer por gaiatos. Continua a ser verdadeira aquela linda frase dita pelo nosso querido Pai Américo: «Ai Porto, Porto, quão tarde eu te conheci!»

JÚLIO GOMES
E
MANUEL PINTO

PELAS CASAS DO GAIATO

S. JOÃO DA MADEIRA A nossa Conferência está vivendo os melhores dias, desde a sua fundação, com a ida de dois dos nossos pobres para as casas do Património. Por esse motivo admitimos mais dois pobres que socorremos semanalmente com géneros. São: o primeiro é uma velhinha viúva, que está vivendo na maior das misérias. O segundo é um homenzinho paralítico que se encontra sempre na cama, por não poder andar.

N. da temos recebido para a nossa Conferência. Nos momentos aflitivos valem-nos os nossos subscretores. Destes recebemos 170\$00 referente às cotas de Julho.

A Câmara Municipal desta vila, na pessoa do seu presidente Sr. Dr. Renato de Araújo, ofertou-nos mais terrenos para construirmos mais casas do «Património dos Pobres». Ainda não sabemos qual a área, mas cremos que dá para duas ou três novas casas.

Têm vindo até nós, diversos pobres, que vêm trazidos pela boa nova, de darmos abrigo aos que o não têm. De todos que cá vieram chocou-nos um casal de velhos com 70 anos. Ele era chapeleiro, trabalhou enquanto p. de. Agora que se encontra velho e doente não tem quem o auxilie. Ela está doente e não sai da casa em que vive, que segundo ele me disse, chove lá dentro a cântaros.

Estiveram entre nós a passar as suas férias o Carlos Veloso e o Chico das Pombas. Ambos empregados no comércio na Cidade Invicta, por conseguinte fazem parte dos habitantes do Lar Gaiato do Porto.

Dois dos nossos rapazes que trabalham na indústria desta vila, já foram para férias. O Manuel Risonho foi para Paço de Sousa e o Sinfães foi até à terra do seu apelido, ou melhor foi a Sinfães. O Barros vai para a semana que vem, passar as suas ao Tojal para depois ir a Lisboa ver o pai.

Ao nosso amigo Sr. Dr. Herlander Freitas de Coimbra, os nossos cumprimentos, com desejos de muitas felicidades, pela sua formatura em Direito. E desculpe nos Sr. Doutor, o não termos feito há mais tempo.

Temos recebido muita fruta da Senhora D. Arminda de Casaldelo e da Senhora D. Laura de Macieira. A estas duas senhoras que são muito amigas da Casa do Gaiato os nossos agradecimentos Recebemos também da Empresa Industrial de Chapelaria, L.da, 15 pares de calçado de lona, para os rapazes deste Lar.

O nosso reconhecimento pela amável oferta. Cumpre-nos também agradecer à Dig.ª Direcção da Associação Desportiva Sanjoanense, secção de Hóquei em Patins, o terem franqueado a entrada dos nossos rapazes sempre que se realiza algum jogo. Igual agradecimento fazemos ao proprietário do cinema desta vila, que sempre nos tem aberto as suas portas.

Agradecemos também ao médico assistente deste Lar do Gaiato, Sr. Dr. Júlio de Pinho, a boa vontade e carinho com que tem atendido os nossos doentes.

E por final desta crónica, não se esqueçam amigos que a nossa Conferência necessita de tudo, roupas, medicamentos, etc. Tudo agradeçamos. Ajudem-nos a construir mais casas dos pobres, não só ofertando terreno, mas também o resto.

COIMBRA A nossa Conferência — Morreu há dias aquela rapariga a quem nós ajudávamos com remédios para combater a tuberculose. Deixa um filho de tenra idade e apresentamos à família enlutada sent dos pés mes; A todos aqueles que a ajudaram com donativos e remédios não quero deixar de agradecer e por isso aqui deixo ficar um muito obrigado. Há dias recebi uma carta de uma estudante que esteve nesta cidade e agora se encontra em Braga. Diz esta senhora que a doutrina do «Famoso» é muito melhor do que aquela que encerram livros morais e sermões. Mais abaixo mostra desejos de ser nossa subscreitora e neste momento já cá tenho 120\$00 para um ano. Era bem bom que outras lhe seguissem o exemplo. Que outras tomassem o exemplo desta bracaraense. Que lhe pague o Bom Deus tamanho bem que acaba de fazer. Muito obrigado.

TOJAL Já conseguimos substituir a nossa fútoneta Hilman por uma Fordson.

A Hilman andava sempre empanada, e partia todos os semi eixos que se lhe punham. Era mesmo um charruco velho. Deixava-nos sempre encravados sem sabermos o que lhe haviam de fazer.

Agora temos esta novinha em folha. Veio-nos fazer muito arranjo para ir a Lisboa buscar ofertas. A estre a que teve foi para levar a Lisboa alguns rapazes à despedida do Pai Américo.

Ela deve ir também a Lisboa levar rapazes à venda do Famoso. E agora está a fazer bom serviço à Colónia de Férias de S. Julião da Ericeira para levar e trazer rapazes.

Acaba-nos de nascer mais uma vitelhinha dum das nossas vacas. Os nossos boeiros já diziam cada um a sua coisa. Uns diziam que era uma vitela e outros diziam que era um vitelo. Por certo algum deles advinhou. Foi uma vitela, a primeira a que nos nasceu no casal agri oia. Por isso mais contentes estamos por ser mais uma fonte de leite.

Carlos Alberto Lopes